



**Queridos Amigos e Amigas de Frei Chico,
O Frade da fé dos simples¹.**

Frei Francisco van der Poel, mais conhecido como Frei Chico, tornou-se uma das figuras mais marcantes da religiosidade popular brasileira, não apenas por sua condição de frade franciscano, **mas sobretudo pela forma como soube interpretar, registrar e dialogar com a fé do povo simples e marginalizado**. Sua vida e obra oferecem uma chave sociológica para compreender a vitalidade da cultura religiosa popular no Brasil, território onde **a experiência de fé**

¹ Proferido por Frei Laércio Jorge OFM, por ocasião da celebração da Memória de Frei Chico, promovida no Centro de Arte Popular, no dia 20/09/2025. Frei Laércio Jorge OFM – frade menor da Província Santa Cruz/MG: graduado em Filosofia e Teologia. Mestre em Ciências Sociais (PUC-MG 2025). Dissertação abordando a passivação provocada a partir da relação entre Política e Religião.

ultrapassa os muros institucionais e se traduz em símbolos, cantos, rezas e gestos cotidianos de esperança.

Nascido na Holanda, Frei Chico fez do Brasil sua morada e missão. Sua trajetória está profundamente entrelaçada **ao processo de reconhecimento da religiosidade popular como espaço legítimo de expressão cultural, resistência social e elaboração teológica.** Ao contrário de leituras que por muito tempo desqualificaram a fé do povo **como superstição ou ignorância,** ele lhe conferiu dignidade acadêmica e pastoral, **mostrando como ela revela valores, significados e práticas que sustentam comunidades inteiras frente à desigualdade e à exclusão.**

A formação religiosa do Brasil é um mosaico complexo, onde a ortodoxia institucional dialoga, conflita e se funde constantemente com a pulsante criatividade da piedade popular. Neste cenário, a figura de **Frei Francisco van der Poel, o Frei Chico,** transcende a de um simples missionário. Através de sua vida e obra, ele se consagrou como um **sociólogo intuitivo e um etnógrafo da fé,** um intelectual orgânico que dedicou sua existência a documentar, compreender e validar o universo simbólico da religiosidade do povo simples.

Frei Chico não se limitou a evangelizar, **ele se permitiu se evangelizar,** o que o fez compreender qual era a sua missão mais profunda: **decifrar e traduzir** a linguagem cultural e espiritual das comunidades. Sua maneira de frade simples e popular o situava como um mediador cultural, **aquele que reconhecia o sagrado no espaço doméstico, como em um ritual comunitário de fortalecimento de laços sociais.** No entanto, é em suas obras escritas que sua contribuição sociológica ganha contornos acadêmicos e perene.

Sua obra mais conhecida, **“Dicionário da Religiosidade Popular”**, é muito mais que um compêndio de verbetes. É um **projeto**

de cartografia sociológica do imaginário religioso brasileiro. É um marco nesse esforço: um compêndio que recolhe orações, ladainhas, costumes e narrativas, **conferindo a eles estatuto de memória e patrimônio cultural**. Não se trata apenas de um registro descritivo, mas de uma interpretação crítica que revela como esses elementos constituem uma teia de sentidos na vida social. A religiosidade popular aparece, nesse contexto, como um **“arquivo vivo” de resistência simbólica contra o desencanto da modernidade e a imposição de uma religiosidade normativa**, muitas vezes distante da vida cotidiana. Sociologicamente, esta obra é fundamental porque **concede legitimidade e status de "cultura" a práticas que muitas vezes são marginalizadas pelo saber erudito ou visto como folclore**. Ele trata a crença do povo como **um sistema coerente de significado**, digno de ser estudado e preservado. O dicionário é, portanto, **um ato de justiça simbólica**.

Já o livro **"Abre a Porta"** reflete outra dimensão crucial de seu trabalho: a **pastoral como sociologia aplicada**. O ato de peregrinar e bater de porta em porta era sua metodologia de campo. Cada casa aberta era uma entrevista, uma etnografia em miniatura, um mergulho nas micro-histórias de fé, sofrimento e esperança. **Frei Chico desloca ainda mais o olhar para a dimensão prática da fé**. Aqui, a metáfora da porta aberta remete ao acolhimento, à hospitalidade e à travessia, temas centrais da experiência popular de religiosidade. Este trabalho incessante o tornou um especialista na **"teologia prática" do povo brasileiro**, uma teologia que não se aprende em tratados, mas se vive na lida diária e na busca por consolo e milagres. **A fé não é concebida como clausura dogmática, mas como abertura para o outro, um espaço onde o povo reinventa continuamente formas de solidariedade e de convivência, traduzidas em resistência**.

Por fim, **"A Moral do Burro"** um “causo” que Frei Chico conheceu e fez uso a partir de uma narrativa singela, para questionar as

hierarquias morais e religiosas que separam “iluminados” de “ignorantes”. É talvez o mais revelador de seu método e insight sociológico. Ao se identificar com a figura humilde, perseverante e útil do burro, Frei Chico encapsula uma filosofia pastoral profundamente eficaz.

É a **moral da humildade, do serviço silencioso e da resistência**. Sociologicamente, **ele inverte a lógica do poder clerical tradicional, que muitas vezes se impõe de cima para baixo**. Ele adota uma postura de baixo para cima, se fazendo "burro" para carregar o fardo dos simples e, assim, ganhar não apenas sua confiança, **mas uma compreensão íntima de seu mundo**.

Sob uma perspectiva sociológica, a contribuição de Frei Chico pode ser compreendida em pelo menos três dimensões:

1. **Reconhecimento cultural** – Ele legitimou a religiosidade popular como expressão cultural autônoma, preservando sua memória e oferecendo-lhe visibilidade.
2. **Crítica social** – Ao valorizar a fé dos simples, deslocou o olhar para os sujeitos marginalizados, denunciando a desigualdade e mostrando a potência simbólica dos excluídos.
3. **Mediação religiosa** – Frei Chico atuou como mediador entre a instituição e o povo, entre a teologia erudita e a sabedoria popular, abrindo espaço para um diálogo que continua inspirando agentes pastorais e pesquisadores.

Em síntese, sua importância para a cultura religiosa popular no Brasil é, portanto, dupla: **como agente e como intelectual**. Como **agente**, ele mobilizou centenas através de rituais **que fortaleceram a identidade comunitária**. Como **intelectual**, ele documentou e analisou esse mesmo fenômeno, **oferecendo uma chave de leitura que valoriza a cultura popular não como um desvio**, mas como uma expressão autêntica e vital do sagrado.

Frei Chico não veio salvar o povo de sua fé "simples"; veio aprender com ela e, ao fazê-lo, demonstrou que a verdadeira teologia no Brasil muitas vezes emana dos quintais, das cozinhas e da alma resiliente daqueles que, **com uma fé que dispensa sofisticação, mantêm viva a chama do sagrado na vida comum.**

Ele foi o frade que **não pregou para o povo, mas sim a partir dele**, e nisso reside sua genialidade e legado eterno.

Por fim, Frei Chico, foi mais do que um frade: **tornou-se guardião da fé dos simples, intérprete da esperança popular e ponte entre mundos que muitas vezes se estranham.** Sua vida e obra nos lembram que, **na cultura religiosa brasileira, a fé não é apenas adesão a dogmas, mas sobretudo prática de resistência, solidariedade e vida compartilhada.**

Você me chamou tropeiro²

Eu não sou tropeiro não

Sou arrieiro da tropa, Marcolino

O tropeiro é meu patrão...

² **Um tropeiro é um condutor** de tropas de animais (como mulas ou cavalos) que transportam mercadorias ou gado, sendo uma figura histórica importante no Brasil Colônia pela integração de regiões e pelo comércio. **Um arrieiro** é sinónimo de tropeiro e refere-se a **quem monta e conduz** os animais que carregam cargas, sendo o termo mais usado em algumas regiões. - https://www.youtube.com/watch?v=nKzo-y5T1yU&list=RDnKzo-y5T1yU&start_radio=1&rv=nKzo-y5T1yU